

MEIO AMBIENTE E GLOBALIZAÇÃO - UMA ABORDAGEM SISTÊMICA

Marcel Fantin¹, Murillo Scaranari Antunes², Ademir Fernando Morelli³

1 – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento – IPD, Universidade do Vale do Paraíba. Av. Shishima Hifumi, 2911 Urbanova, 12244-000, São José dos Campos, SP

2 - Geociencias, Universidade de Campinas. Rua dos Jasmins, 102, Residencial Flor do Vale, Tremembé - SP

3 – Universidade de Taubaté. Rua Lagoa Santa, 521, Ch. Reunidas, 12244-000, São José dos Campos, SP

Palavras-chave: Meio Ambiente, Globalização, Problemas.

Área do Conhecimento: VII: Ciências Humanas.

RESUMO

No estágio atual chamado “globalização” estamos consumindo quatro vezes mais recursos do que o planeta pode suportar, extrapolando a capacidade de suporte e rompendo em demasia a relação de sustentabilidade. Este trabalho teve por objetivo caracterizar as diversas fases de dominação da natureza pelo homem até os dias atuais. Nesse contexto, verifica-se que com o advento da globalização os bens ambientais vem se tornando cada vez mais escassos e as expansões do mercado continuam transformando o Planeta Terra em um grande supermercado onde todos os recursos naturais são comercializáveis. Assim, faz-se uma análise do caso em questão, abordando os temas geopolítica, ecologia, economia, direito ambiental e a forte relação de intercâmbio destes conceitos descritos. Ainda, enfatiza a Globalização dos problemas ambientais e as implicações nas relações internacionais. Finaliza deixando a esperança de uma nova globalização onde se globalize a solidariedade, a solução real para os problemas ambientais, onde a harmonia e a justiça prevaleçam preservando o direito das futuras gerações a um ambiente sadio e a uma terra livre de males.

INTRODUÇÃO

Para compreendermos estes dois conceitos conflitantes (MEIO AMBIENTE E GLOBALIZAÇÃO) faz-se necessário entendermos a humanidade desde os primórdios e a sua relação com a economia e ecologia.

Nos primórdios o homem viva em cavernas para se proteger das grandes feras, estabelecendo um modo de vida intitulado coletor-caçador.

O homem tinha uma relação de inferioridade em comparação aos outros animais, pois não tinha grandes habilidades como visão privilegiada, bom faro, boa audição ou agilidade.

Desta forma, este para se equiparar desenvolveu a habilidade de construir ferramentas,

modificando a natureza e garantindo assim a sua sobrevivência.

Entretanto os impactos ambientais daí decorrentes eram pouco sentidos e na maioria das vezes reversíveis, sendo que quando irreversíveis eram localizados.

Porém, até a fase agrícola da humanidade existia uma certa relação de sustentabilidade de troca de fluxo energético entre as espécies vegetais e animais responsáveis por sustentar a vida no planeta.

Com o advento das revolução industrial e modo de produção capitalista o poder de transformação do meio ambiente pelo homem foi multiplicado.

O ilustre professor Édis Milaré, em sua obra *Direito do Ambiente*, define Meio Ambiente como “o lugar, o sítio, o recinto, o espaço que envolve os seres vivos e as coisas”.

Ocorre que, até a década de 1960 acreditava-se no poder de auto depuração e recuperação do meio ambiente.

Nessa esteira, a humanidade começou a perceber que o seu desenvolvimento tinha problemas.

Dentro do modo de produção capitalista o preço sempre atua como um sinalizador em relação a escassez, sendo que quanto mais raro o produto maior o seu preço. Porém o mercado apresenta certas falhas estruturais, chamadas de externalidades, onde ocorre um divórcio entre preço e escassez, onde os custos e benefícios se transferem fora do mercado incompensadamente, barateando bens que estão ficando escassos, como a fertilidade da terra e a pureza do ar.

Começou-se a chamar a atenção para a destruição que estava acontecendo na natureza e também para os males que se estava causando ao ser humano devidos a várias atividades desenvolvidas em nossa sociedade.

Estas pessoas foram os primeiros ecologistas e marcaram com sua luta, principalmente, o final dos anos 60 e início dos 70.

Foi devido a estas pressões que a Organização das Nações Unidas realizou encontros de Cúpula de Meio Ambiente, como a “Estocolmo 72” (Suécia), “ECO

92" (Brasil) e a "Rio + 10" (África do Sul). Lá os governos, diante do caos ambiental que começava a se manifestar em vários locais do Planeta reconheciam que era necessário tomar providências e tratar a poluição provocada pela indústria, agricultura e demais atividades humanas sob pena de nos envenenarmos com os frutos de nosso desenvolvimento.

Ocorre que mesmo com os alertas, as expansões do mercado continuaram transformando o Planeta Terra em um grande supermercado onde todos os recursos naturais são comercializáveis, culminando na globalização atual.

No estágio atual chamado "globalização" estamos consumindo quatro vezes mais recursos do que o planeta pode suportar, extrapolando a capacidade de suporte e rompendo em demasia a relação de sustentabilidade.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos estão baseados nos conceitos doutrinários da Ecologia, Direito Ambiental, Geografia e Economia aplicados ao desenvolvimento mundial, empregando-se uma visão interdisciplinar no estudo em tela.

Primeiramente, para elaboração do projeto foi delimitado um perímetro de trabalho que abarca os períodos históricos de intervenção humana no ambiente.

Nesse sentido, analisou-se a formação e a evolução da humanidade, suas características e influências na deterioração do patrimônio ambiental mundial.

Após, foi realizada uma Revisão Bibliográfica que compreende as fases de pesquisa, transcrição, descrição e classificação das informações textuais.

Nessa esteira, realizou-se o levantamento dos padrões de vida existentes, e suas inter-relações com o quadro ambiental mundial.

Assim, foi possível efetuar a integração da revisão bibliográfica, área de estudo e levantamentos.

As informações completas do trabalho foram registradas através de mapas, relatórios e fichas padronizadas dos bens considerados de interesse.

A análise permitiu verificar os principais problemas ambientais e indicar os comprometimentos que a deterioração patrimônio ambiental pode implicar para a qualidade ambiental e de vida da população.

ECOLOGIA vs ECONOMIA E GLOBALIZAÇÃO

ECOLOGIA (estudo da casa). O termo Ecologia foi proposto em 1866, pelo biólogo alemão Ernst Haeckel, em sua obra "Generelle Morphologie der Organismen". Esse naturalista definiu-a como a ciência dos costumes dos organismos.

ECONOMIA (normas da casa). O professor Fábio Nusdeo da Universidade de São Paulo, em aula proferida em 10 de maio de 2003, conceituou economia como "um conjunto orgânico de instituições pelo meio

do qual a sociedade vai enfrentar a utilização de seus recursos escassos.

GLOBALIZAÇÃO (internacionalização: financeira, do capital, dos fluxos mercantis e da produção). A professora Tânia Bacelar de Araújo define globalização como o "movimento resultante da intensificação do secular processo de internacionalização dos mercados, dos principais fluxos econômicos e da atuação dos principais agentes econômicos"... "Internacionaliza-se, também e crescentemente, o capitalismo, impondo-se como o modo de produção hegemônico em cada vez mais numerosas formações econômico-sociais".

Já o Prêmio Nobel de Economia, John Kenneth Galbraith afirma que: "Globalização é um termo que eu não uso. Não é um conceito sério. Nós, os americanos, o inventamos para dissimular nossa política de entrada econômica nos outros países e para tornar respeitáveis os movimentos especulativos de capital, que sempre são causa de graves problemas".

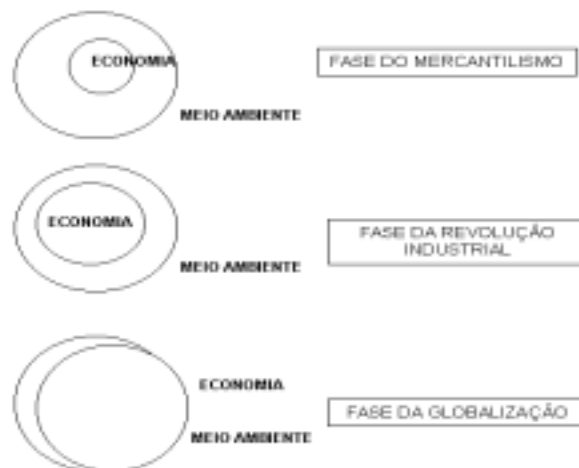
Estes três conceitos estão diretamente interligados devido tendência humana de crescer infinitamente e expandir mercados, objetivando atender as suas necessidades infinitas diante de bens ambientais finitos.

O Professor Dr. Alaôr Caffé Alves em aula proferida em 14 de fevereiro de 2003 afirmou que "o homem tem uma característica única entre os animais – é um criador de necessidades – através de uma prática social muda o mundo e cria novas necessidades".

Da dicotomia entre recursos escassos e necessidades infinitas surge o conceito de economia, precisando critérios e sistemas para controlar e racionar o consumo desses recursos.

Com o advento da globalização os bens ambientais vem se tornando cada vez mais econômicos, estabelecendo uma forte relação de intercâmbio dos conceitos acima descritos.

Podemos exemplificar o ecológico e o econômico como duas esferas concêntricas, uma dentro da outra:



Pensava-se que o meio ambiente e o econômico eram dois sistemas abertos confiando –se no poder de auto depuração do planeta. Isto ocorria quando a esfera do econômico era muito menor do que a esfera ambiental.

Porém com o liberalismo, a revolução industrial e a globalização, o econômico está tangenciando o ambiental.

PROBLEMAS TRANSFRONTEIRIÇOS

A Globalização Econômica não respeita fronteiras. Transforma-se portanto na perda gradativa do poder controlador do Estado e na universalização dos valores de vida da sociedade norte americana.

Porém, nada mais global que muitos dos atuais problemas ambientais.

Com a expansão da ideologia americana, globaliza-se a idéia de subúrbios de luxo como na China, onde estes condomínios estão ameaçando, devido ao seu rápido crescimento Grande Muralha da China, patrimônio histórico da humanidade, nos arredores de Pequim. Em Sarno na Itália a remoção de vegetação para a construção de um subúrbio de luxo causou um grave deslizamento com várias mortes.

A redução na espessura da camada de ozônio é causada pelo gás chamado de CFC (Cloro Flúor Carbono). Este é usado em aerossóis, geladeiras e aparelhos de ar condicionado, consumidos em todo o mundo. Suas conseqüências serão sentidas por pessoas em todos os cantos do planeta, mesmo por quem nunca pode se dar ao luxo de utilizar estas maravilhas modernas.

As emissões de poluentes na atmosfera estão globalizadas, a queima de carvão mineral na China a muito tempo incomoda seus vizinhos asiáticos, causando doenças respiratórias e chuva ácida, sendo que estas emissões já chegaram a atingir as montanhas rochosas americanas.

O aquecimento global (efeito estufa) tem causas mais complexas e conseqüências potenciais muito mais devastadoras como o derretimento das geleiras nos polos sul e norte. Não obstante, os combustíveis fósseis, propulsores do crescimento econômico deste século, têm contribuído para potenciais mudanças nas temperaturas do planeta, que afetarão até mesmo aqueles que continuam queimando gravetos para obter energia.

A destruição da diversidade biológica representará a perda de um dos maiores patrimônios que os habitantes da terra possuem, apesar da relativa concentração geográfica da biodiversidade global.

Comentários semelhantes podem ser feitos sobre a “chuva ácida”, o “lixo químico”, os “rejeitos sólidos”, entre outros.

Desta forma fica demonstrado a inviabilidade do modelo atual de desenvolvimento vigente no mundo, pois a velocidade de produção capitalista não respeita o tempo de recuperação do meio ambiente.

GLOBALIZAÇÃO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Nada nasceu tão “global” como o movimento ambientalista do final dos anos 60 e início dos 70 que trouxe em debate as questões ambientais sobre a degradação ambiental que a humanidade experimentava. Poucos rejeitariam a evidência do caráter global da maioria das manifestações de degradação ambiental afetando o planeta na atualidade porém na prática pouco se fez.

Com a globalização dirigindo-se para uma americanização compulsória do mundo, as relações internacionais tendem a normatizações que impliquem em perdas ambientais, de soberania e dignidade humana.

Nos tempos globalizados com uma situação que hoje é dramática: pelo menos 1,5 bilhão de pessoas estão alijadas dos serviços de abastecimento de água, fato que, junto com a ausência de saneamento básico, mata mais de 30 mil por dia no mundo, os países ricos tem a petulância de direcionar tentativas no tocante a privatização dos recursos naturais, encarando a água como valor econômico no sentido de aceitar a lógica do capitalismo neoliberal, transformando-a em mercadoria.

As declarações do 3º Fórum Mundial da Água das Nações Unidas, realizado em Quioto, no Japão, estabeleceram a tendência mundial de privatização dos recursos hídricos, com a pressão de organismos internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Na Índia, onde ocorreram privatizações, o diálogo dos ambientalistas com as grandes companhias tem sido quase um monólogo. Lá as comunidades são dependentes de água engarrafada comercializada pela Coca-Cola, que esvaziou todos os lençóis de água ao longo de quilômetros. Temos também o caso da companhia francesa Suez - a maior empresa de água do mundo – que detém contrato para extrair e explorar 685 milhões de litros de água por dia do rio Ganges.

Na Bolívia, após a privatização das companhias de água, 40 % da população teve a sua água cortada por falta de pagamento, o que gerou a “revolta da água”, onde os lacres foram rompidos e a companhia de água re-estatizada.

A proposta americana de criação da Aliança de Livre Comércio das Américas pode vir a gerar imensas hecatombes ambientais junto com a perda da soberania brasileira de legislar sobre meio ambiente.

Com a ALCA, qualquer norma nacional destinada a preservar o Meio Ambiente ou a saúde poderá ser contestada judicialmente se as empresas entenderem que estas ferem suas expectativas de lucro.

O México ao assinar o acordo de Livre Comércio da América do Norte teve a poluição total dobrada e 40% das florestas foram devastadas pela exploração predatória nos últimos anos, o que também

provocou erosão do solo e destruição do habitat natural de inúmeras espécies.

Esta é apenas uma parcela das tentativas dos grandes grupos transacionais de se apropriar e espoliar os recursos naturais da humanidade.

CONCLUSÃO

O professor Milton Santos em seu livro "Por uma Outra Globalização", nos alerta para uma globalização perversa e para a necessidade de que as sociedades ou os homens imponham limites a essa perversidade da globalização.

Com seu otimismo rigoroso e compromissado, ele nos propõe a idéia de um novo mundo possível, convocando-nos, então, a participação da grande mutação contemporânea, que introduz uma nova história humana que apenas começa, "por uma outra globalização".

Desta forma, fica a esperança de uma nova globalização onde se globalize a solidariedade, a solução para as crianças pobres do mundo, a solução real para os problemas ambientais, onde a harmonia, a justiça prevaleçam preservando o direito das futuras gerações a um ambiente sadio e a uma terra livre de males.

No momento, o que vemos são mais intenções do que prática, pois brinca-se de preservação e conservação ambiental, o que apenas irá ampliar um pouco a agonia do homem sobre a terra.

BIBLIOGRAFIA

MILARÉ, Édís. Direito do Ambiente. São Paulo: RT, 2000.

NUSDEU, Fábio. Aula de Direito Ambiental Econômico. São Paulo: 2003.

ARAUJO, Tânia Bacelar. Brasil nos Anos Noventa: Opções Estratégicas e Dinâmica Regional. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. São Paulo: 2000.

FONSECA, Luis Carlos M. A Globalização Não é um Conceito Sério. Nova Acrópole. Goiânia 2000.

ALVES, Alaôr Caffé. Aula de Fundamentos do Direito e Meio Ambiente. São Paulo: 2003.

MUCCI, José L. Negrão. Introdução as Ciências Ambientais. USP. São Paulo: 2003.

SANTOS, Milton. Por uma Outra Globalização. São Paulo: Record 2000.

GREENHALGH, Luis Eduardo. Campanha Nacional Contra a Alca: Brasília 2002.